

4.04.03 – Enfermagem Pediátrica.

**O DESAFIO DO PROCESSO DE HOSPITALIZAÇÃO INFANTIL PARA AS FAMÍLIAS**

Amanda Marques Bezerra<sup>1\*</sup>, Isabela Guimarães Volpe<sup>2</sup>, Maria Angélica Marcheti<sup>3</sup>, Marisa Rufino Ferreira Luizari<sup>4</sup>, Fernanda Ribeiro Baptista Marques<sup>5</sup>.

1. Mestranda em Enfermagem da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)
2. Mestranda em Enfermagem da UFMS
3. Professora Doutora da UFMS - INISA
4. Professora Doutora da UFMS - INISA
5. Professora Doutora da UFMS - INISA/Orientador

**Resumo**

A hospitalização infantil é um evento estressante e traumatizante para a criança e sua família. Ambos precisam adaptar seus costumes com a rotina hospitalar. O ambiente hospitalar possui desafios para a família da criança: a aceitação do diagnóstico, o ambiente novo e repleto de pessoas desconhecidas, os procedimentos invasivos e a necessidade de reorganização familiar para o acompanhamento da criança no hospital são alguns deles. Objetivou-se identificar os desafios enfrentados pelas famílias durante a internação de uma criança. Trata-se de um estudo qualitativo descritivo realizado com familiares de crianças internadas em uma enfermaria pediátrica de Campo Grande-MS. O resultado do estudo apontou que os desafios das famílias permeiam o desconforto com infraestrutura hospitalar, sobrecarga e sentimentos negativos como a tristeza, culpa e o medo. É necessário entender e incluir a família no processo de internação da criança, afinal, o seu apoio é de suma importância para a recuperação.

**Autorização legal:** Parecer favorável do Comitê de Ética em Pesquisa da UFMS nº 2.095.643

**Palavras-chave:** Pediatria; Hospitalização; Enfermagem.

**Introdução**

A hospitalização infantil é um momento estressante e traumatizante para a criança e sua família. Os costumes, rotinas e atividades cotidianas precisam ser modificados. O ambiente hospitalar é desconhecido para ambos, possuindo excessivas manipulações que podem causar dor, medo e sofrimento em ambas as partes (SANTOS et al., 2016).

A internação de uma criança pode trazer à sua família desorganização, problemas financeiros e preocupação com os demais membros, visto que todo o sistema familiar é modificado em decorrência da situação enfrentada. Assim, é comum que um membro da família se torne o cuidador principal, responsabilizando-se pela criança durante o período de internação e todos os cuidados que demandará. O cuidador principal precisa dedicar-se exclusivamente ao cuidado da criança doente deixando seu trabalho, vida social e pessoal de lado (LEITE et al., 2012).

Neste sentido, percebe-se um acúmulo de responsabilidades a este familiar e também uma diminuição das atividades de lazer e do cuidado pessoal. O cansaço extremo e a depressão os afetam de modo a causar um declínio de sua qualidade de vida, e conseqüentemente ocasionar algum comprometimento na saúde durante o período de internação da criança (BEUTER et al., 2009; BOCCHI, 2004).

O modo com que a família é incluída nos cuidados é significativo tanto para a recuperação da criança como para a prevenção de doenças nos familiares. O apoio da família é valioso no processo de recuperação da criança. Afinal, elas veem em sua família um amparo e conforto que são extremamente necessários para que a recuperação ocorra da melhor forma possível (RODRIGUES et al., 2013).

Diante disso podemos entender a importância do cuidado com as famílias das crianças hospitalizadas. Elas devem ser ouvidas e apoiadas pela equipe de saúde de forma a considerar suas necessidades que são tão importantes quanto às do paciente. Além disso, é importante atendê-las de modo que se crie um vínculo de confiança entre o profissional, paciente e família (JOAQUIM et al., 2017).

Assim, objetivou-se identificar os desafios enfrentados pelas famílias durante a internação de uma criança.

**Metodologia**

Trata-se de uma pesquisa exploratória descritiva de abordagem qualitativa.

Foi realizado com famílias de crianças internadas, durante o segundo semestre do ano de 2017, em uma unidade de atendimento pediátrico de um hospital público de Campo Grande, Mato Grosso do Sul. Foram incluídos acompanhantes que possuíam vínculo familiar com a criança hospitalizada, que acompanhavam a criança por pelo menos sete dias, que tivessem em condições cognitivas e emocionais para responderem a entrevista e que possuísem 18 anos ou mais.

Para a coleta de dados, o familiar foi abordado e conforme manifestado interesse na participação, foi entregue o termo de consentimento livre e esclarecido e o termo de autorização de gravação de voz, explicado

e assinado em duas vias (pesquisador e participante). Em seguida, realizou-se uma entrevista semiestruturada, com a questão norteadora: “Quais fatores são considerados obstáculos para as famílias durante a hospitalização infantil?” a qual foi gravada e transcrita na íntegra, e posteriormente analisada utilizando a Análise de Conteúdo de Morse (2003), onde foram extraídos códigos que foram analisados e agrupados em subcategorias com nomes provisórios de acordo com os significados. Assim, as categorias foram inseridas nos temas de acordo com suas similaridades e divergências.

### **Resultados e Discussão**

Foram entrevistados sete familiares de crianças internadas em uma unidade pediátrica. Destes, 57,14% deixaram suas ocupações para acompanhar a criança no hospital. As rendas familiares variavam entre 1 a 4 salários mínimos. A média de permanência no hospital foi de 45 dias. Sendo que 71,42% relataram que não realizavam revezamento com outras pessoas durante o período de internação.

As categorias elencadas como desafio para as famílias foram: O espaço físico como um fator limitante no acolhimento às famílias; O esgotamento físico e emocional das famílias durante a internação.

O espaço físico como um fator limitante no acolhimento às famílias.

Foram relatados problemas com sono e reclamações sobre a poltrona de descanso. Alguns dos familiares que já acompanharam hospitalizações anteriores declararam que por mais que a poltrona fosse algo desconfortável, ainda era melhor do que a de outros setores, que estavam ainda mais despreparados para a recepção dos familiares e acompanhantes. O estudo de Joaquim et al., (2017) apontou dados semelhantes, indicando a o local de descanso como desconfortável e que afeta a qualidade do sono dos familiares.

Esgotamento físico e emocional das famílias durante a internação.

O fato dos familiares que acompanham a criança não realizarem o revezamento com outra pessoa causou um cansaço físico e psicológico ainda maior, afinal, não havia tempo suficiente para os cuidados pessoais, pois, a criança demandava atenção.

O estudo de Gomes et al., (2014), Melo et al., (2010) e Rumor e Boehs (2013), encontraram resultados similares. O fato do acompanhamento no hospital focalizar em apenas uma pessoa da família é algo considerável para os estudos. Muitos não revezavam por não possuírem alguém com disponibilidade ou por não conseguir deixar a criança com outra pessoa, sendo esse, um dos desafios enfrentados pela família, pois, quando um membro assume o cuidado no hospital, outro deve assumir o seu antigo papel no lar, necessitando de um processo de organização e redistribuição de papéis bem articulado.

As falas mais frequentes dos familiares, incluíam palavras como: culpa, preocupação, medo e ansiedade. Sentiam-se culpados pela doença da criança, pois, acreditavam que poderiam ter feito algo para evita-la, sentiam-se abalados e impotentes, pois, não podiam fazer nada diante a situação enfrentada.

Preocupavam-se com os demais familiares que estavam fora do hospital. Afinal, muitos possuíam outros filhos ou cônjuges nos quais houve uma ruptura das relações ocasionada pela ausência durante o período de internação. Também se preocupavam com a criança internada, ficavam todo o tempo atento aos sinais de piora ou melhora. Tinham medo do desfecho da doença e de seu tratamento e apresentavam uma grande ansiedade pelo o momento de cura e alta da criança.

O estudo de Joaquim et al., (2017) também elencou que o momento da hospitalização é repleto de medos, anseios e inseguranças, ocasionando problemas na saúde do familiar acompanhante. Diante disso, é possível identificar a importância do enfermeiro neste momento. Afinal, o hospital é um ambiente comum em seu cotidiano, cabendo a eles a escuta qualificada, o olhar holístico e o apoio para que haja a troca de experiências visando à transformação da família em parte do processo de hospitalização e não apenas como observadores. Deste modo, sentem-se úteis, diminuindo os sentimentos negativos constantes do momento da hospitalização de uma criança.

### **Conclusões**

Diante dos achados da pesquisa foi possível compreender uma breve parte do desafio que é a hospitalização de uma criança para as famílias. Foram encontrados diversos fatores que as afetam durante este processo, sendo fisicamente ou psicologicamente.

O ambiente hospitalar, o local inadequado para a recepção dos acompanhantes, os sentimentos negativos e a falta de revezamento encontrada no estudo fez com que houvesse sobrecarga pela presença de um único familiar durante todos os períodos fazem com que se tornem vulneráveis, necessitando ainda mais do auxílio e apoio do enfermeiro.

Assim, os profissionais de saúde precisam incluir nos planos de cuidado a inserção da família em todo o processo de internação infantil dando-lhes o devido espaço, valor e voz. Possibilitando oportunidades para que haja o diálogo e um elo entre o profissional, paciente e família. Neste momento delicado e cheio de novos desafios, precisam de apoio e instruções para que possam atravessar a ocasião de uma forma sobremaneira condescendente, com o mínimo de prejuízos possíveis.

Entendendo o valor da família nesse processo é possível uma futura realização de estudos que visem meios e ações para amenizar as consequências causadas pela internação tanto para as crianças quanto sua família.

## Referências bibliográficas

- BEUTER, M.; BRONDANI, M.C.; SZARESKI, C.; LANA, L.D.; ALVIM, N.A.T. Perfil de familiares acompanhantes: contribuição para a ação educativa da enfermagem. **Revista Mineira de Enfermagem**. Vol. 13 N.1. p. 28-33. 2009.
- BOCCHI, S.C.M. Vivenciando a sobrecarga ao vir-a-ser um cuidador familiar de pessoa com acidente vascular cerebral (AVC): uma análise do conhecimento. **Revista Latino- Americana de Enfermagem**. Vol. 12 N.1 2004.
- GOMES, G.C.; ERDMANN, A.L.; OLIVEIRA, P.K.; XAVIER, D.M.; SANTOS, S.S.C.; FARIAS, D.H.R. A família durante a internação da criança: contribuições para a enfermagem. **Escola Anna Nery Revista de enfermagem**. Vol 2. N 18. p.234-240. 2014.
- JOAQUIM, R.L.V.T.; BARBANO, L.M.; BOMBARDA, T.B. Necessidades das famílias em enfermagem pediátrica: a percepção dos próprios autores. **Revista de terapia ocupacional da Universidade de São Paulo**. Vol 28. N 2. p.181-189. 2017.
- LEITE, M.F.; GOMES, I.P.; LEITE, M.F.; OLIVEIRA, B.R.G.; ROSIN, J.; COLLET, N. Condição crônica na infância durante a hospitalização: sofrimento do cuidador familiar. **Ciência Cuid Saúde**. Vol. 11 N. 1 p. 51-57. 2012.
- MELO, W.A.; MARCON, S.S.; UCHIMURA, T.T. A hospitalização de crianças na perspectiva de seus acompanhantes. **Revista de enfermagem UERJ**. Vol 4. N 18. p. 565-571. 2010.
- MORSE, J.M. Emerger de los datos: los procesos cognitivos del análisis en investigación cualitativa. In: MORSE, J.M. Asuntos críticos en los métodos de investigación cualitativa. **Medellín**: Universidad de Antioquia; 2003
- RODRIGUES, P.F.; AMADOR, D.D.; SILVA, K.L.; REICHERT, A.P.S.; COLLET, N. Interação entre equipe de enfermagem e família na percepção dos familiares de crianças com doenças crônicas. **Revista escola Anna Nery**. Vol 4. N 17. p.781-787. 2013.
- SANTOS, P.M.; SILVA, L.F.; DEPIANTI, J.R.B.; CURSINO, E.G.; RIBEIRO, C.A. Os cuidados de enfermagem na percepção da criança hospitalizada. **Revista Brasileira de Enfermagem**. Vol.64 N.6. p. 646-653. 2016.